

A metáfora e o estranhamento

Profa. Dra. Jucimara Tarriconeⁱ

Resumo:

Uma das contribuições possíveis ao debate acerca do estranhamento é o revisitar das reflexões teóricas de Paul Ricoeur sobre a leitura e a compreensão de um texto. Na hermenêutica desse pensador francês, o tema da distanciação merece uma nota à parte. Tal atividade crítica permite o embate dialético entre a proximidade e a distância no interior da interpretação. Neste processo de leitura, a oferta do mundo exposta pelo texto é apropriada pelo leitor para fazer, daquilo que lhe é estranho, o seu próprio mundo. É por meio da distanciação, porém, que este reconfigura suas convicções e lança-se às variações imaginativas propostas pela poesia e pela ficção. O ponto de encontro entre o mundo do texto e o do leitor pode se iniciar por meio da metáfora, criadora de uma nova referencialidade. Discutir a referência e o metafórico aí inscrito é um dos objetivos propostos em meus comentários, bem como ressaltar como a prática da crítica literária procede em relação a essa dinâmica de leitura.

Palavras-chave: Paul Ricoeur, Hermenêutica, Distanciação, Estranhamento, Crítica Literária

1 Introdução

Das muitas trilhas que se abrem a uma incursão à poética do estranhamento, as principais observações de Paul Ricoeur acerca da leitura e compreensão de um texto formam um caminho viável para se discutir esse tema.

Ao infundir luz sobre tais reflexões desse pensador francês é necessário, antes, relembrar que seu projeto tem a intenção de propor uma nova configuração à problemática hermenêutica, já que sua idéia-chave será a da realização do discurso como texto. (RICOEUR, 1990, p.17) A sua noção de texto, por seu turno, esclarece a aporia da divisão diltheydiana entre explicar e compreender, porquanto postula uma complementaridade dessas duas posições, uma articulação dialética.

Nesta perspectiva, define a interpretação por esta mesma dialética da compreensão e da explicação no patamar do “sentido” imanente ao discurso. Com isso, desloca o eixo da interpretação da subjetividade para o mundo e subordina a intenção do autor ao referente do texto.

A hermenêutica, assim, edifica-se na tarefa de reconstruir o sentido, que pertence à estruturação da obra, e restituir a referência, cuja caracterização permite a esta se lançar fora de si mesma para gerar um mundo.

A questão principal, dessa forma, não é perceber, sob o texto, a intenção subjetiva do seu autor, mas assinalar, diante dele, o mundo que ele descortina. A composição literária, ao deixar pendente a referência de primeiro grau, característica do discurso corriqueiro, emancipa uma referência de segundo grau, em que o mundo é manifestado como um panorama de nossa vida e da nossa concepção. Esta nova referência alcança o seu pleno desenvolvimento apenas nas obras de ficção e de poesia e constitui, segundo o filósofo, o problema hermenêutico fundamental.

O arcabouço teórico de Ricoeur parte, é importante assinalar, de uma revisão da hermenêutica romântica de Schleiermacher e Dilthey, da renúncia da subjetividade e do idealismo da fenomenologia de Husserl, ao aprofundamento de uma hermenêutica fenomenológica, a exemplo do que Heidegger, em *Sein und Zeit* (1927), e Gadamer, em *Wahrheit und Methode* (1960), já

havam realizado.

O procedimento adotado de aproximação entre a Fenomenologia e a Hermenêutica, para ele, obedece às duas teses: 1. Fenomenologia e Hermenêutica só se relacionam se o idealismo da fenomenologia husserliana se submeter à sua crítica pela Hermenêutica; e 2. Para além da simples oposição, entre a Fenomenologia e a Hermenêutica há uma reciprocidade. (RICOEUR, 1986, p.44) A Hermenêutica estabelece-se sobre uma base fenomenológica e a Fenomenologia só alcança o seu projeto filosófico ao usar a interpretação da Hermenêutica.

Também com as ciências humanas Ricoeur estabelece uma relação interdisciplinar, haja vista seu diálogo crítico com o Estruturalismo, a Psicanálise de Freud, a Filosofia da Linguagem, a Semiótica e a Semântica, presentes nas suas obras. Não obstante, o salto fenomenológico hermenêutico de Ricoeur (1986, p.8), segundo ele, é o tema da distanciação, instância com que realiza todas as operações de pensamento que destacam a interpretação.

Tal atividade crítica permite o embate dialético entre a proximidade e a distância no interior da interpretação. Neste processo de leitura, a oferta do mundo exposta pelo texto é apropriada pelo leitor para fazer, daquilo que lhe é estranho, o seu próprio mundo. É por meio da distanciação, porém, que este reconfigura suas convicções e lança-se às variações imaginativas propostas pela poesia e pela ficção.

Compreender um texto, portanto, é postar-se perante o mundo da obra para entendê-lo e, por extensão, entender a si mesmo. A leitura é assim, para Ricoeur, *pharmakon*, “remédio”, por meio do qual o leitor busca a significação ao tentar superar o estranhamento do texto em uma nova proximidade; proximidade esta que elimina, mas ao mesmo tempo resguarda, a “distância cultural” e tenta incorporar a alteridade textual na ipseidade ontológica do leitor. Esse ponto de encontro entre o mundo do texto e o do leitor pode se iniciar por meio da metáfora, criadora de uma nova referencialidade.

Discutir a referência e o metafórico aí inscrito como desencadeador de uma ação interpretativa é um dos objetivos propostos em meus comentários, bem como ressaltar como a prática da crítica literária procede em relação a essa dinâmica de leitura.

Para tanto, esta breve reflexão adotará os seguintes passos. Em um primeiro momento, explanarei, com mais vagar, a respeito da distanciação e da apropriação. Em sequência, como a metáfora abre uma nova perspectiva de leitura crítica. Por fim, com base em uma resenha de José Castello acerca do livro *A chave de casa* (2008), de Tatiana Salem Levy, exemplificarei essas ponderações. Tal escolha privilegiou dois aspectos: 1. a relevância deste trabalho de Salem Levy como representativo de uma produção contemporânea e 2. a crítica de Castello como tarefa hermenêutica, em que o trabalho interpretativo delineia sua forma: o intérprete mergulha no mundo do texto, nas referências metafóricas e o questiona, mas é por ele também questionado.

Vale lembrar que, no entanto, por força dos limites desse artigo, as observações que se seguem intentam tão-só pôr em relevo o pensamento de Ricoeur sobre a função do trabalho hermenêutico na interpretação e o de colaborar com o debate a respeito do estranhamento.

2 O tema da distanciação e da apropriação

É de conhecimento geral o quanto o horizonte teórico de Ricoeur é amplo e aberto a infinitas possibilidades de discussão. Interessa-me, aqui, todavia, apenas pontuar sua colaboração a uma teoria filosófica da interpretação. Perante tal questão, é necessário lembrar que as suas investigações sobre a teoria do texto ligada à da ação geram novas contribuições ao campo do pensamento histórico e político-social. Sua preocupação passa, igualmente, pela abordagem da reciprocidade entre narratividade e temporalidade. A característica temporal da experiência, como referente comum da história e da ficção, constitui-se, para ele, em um problema único, que envolve a ficção, a história e o tempo.

O texto se define como um paradigma do distanciamento na comunicação e revelador da própria historicidade da experiência humana, isto é, uma comunicação na e pela distância.

Sob este enfoque, cinco critérios, conjuntamente, constituem a textualidade: a efetuação da linguagem como discurso; a efetuação do discurso como obra estruturada; a relação da fala com a escrita no discurso e nas obras de discurso; a obra de discurso como projeção de um mundo; e o discurso e a obra de discurso como mediação da compreensão de si. (RICOEUR, 1990, p.44)

Para Ricoeur, a escrita não se constitui como a problemática única do texto; logo, não há como aproximá-los. É a dialética da fala e da escrita que promove um problema hermenêutico; dialética esta construída sobre a de distanciamento anterior à oposição da escrita à fala, pertencente ao discurso oral. Desta forma, é no próprio discurso que se encontra a raiz de todas as dialéticas ulteriores. Entre a realização da linguagem como discurso e a dialética da fala e da escrita, há a efetuação deste como obra estruturada.

Nessa teoria, o discurso é definido como evento. Como este é sempre sobre algo e alude ao mundo que deseja representar, o evento, neste sentido, é o aparecer da linguagem de um mundo por intermédio do discurso. Se é neste que há trocas de mensagens, então o discurso possui, além do mundo, o outro, um interlocutor ao qual se endereça. O evento, assim, é o fenômeno temporal desse intercâmbio, a instauração do diálogo, que pode prorrogar-se ou cessar-se.

Essas características do discurso como evento, em conjunto, só despontam no percurso de efetuação da língua em discurso, na atualização de nossa competência linguística em *performance*.

No entanto, se todo discurso se efetua como um evento, todo o discurso é compreendido como significação. Tal significação refere-se ao conteúdo proposicional. A articulação do evento com o sentido constitui a base do problema hermenêutico. A língua, ao incidir sobre o discurso, ultrapassa-se como sistema e executa-se como evento. Da mesma maneira, ao entrar no processo da compreensão, o discurso se ultrapassa, como evento, na significação. Se a linguagem é uma ação significativa, é exatamente em virtude dessa ultrapassagem do evento na significação.

Ricoeur assevera que, contudo, sem um exame específico da escrita, uma teoria do discurso não é uma teoria do texto, que só escrito é uma maneira de discurso, um modo de inscrição. Logo, as características de um discurso são também as do texto.

A concepção de evento linguístico se localiza, antes, em uma série de polaridades dialéticas reunidas no duplo princípio de evento e significação e de sentido e referência. Tais polaridades dialéticas permitem afirmar que não se devem excluir da Hermenêutica as noções de intenção e diálogo, mas devem libertá-las da unilateralidade de um conceito não-dialético de discurso.

Se na semântica a frase é a primeira e última instância, na Hermenêutica é o texto, sobretudo o literário, que merece maior atenção e requer um olhar especial à referência. Para Ricoeur, além da estrutura e do sentido da obra, é preciso interpretar o mundo, que é a sua denotação. A Hermenêutica é a teoria que ajusta a circulação da estrutura da obra para o seu mundo. A referência atinge a obra literária e é delineada de certo grau, diferente da linguagem corriqueira do discurso descritivo.

Se este tem a pretensão de representar o real, a escrita tenta distanciar-se dele ou desrealizá-lo. Além disso, sua linguagem projeta a forma de um mundo; pela escrita, sua enunciação introduz-se no aspecto fictício de representação. Contudo, não há discurso “de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível, mais fundamental que aquele que atinge o discurso descritivo, constatativo, didático, que chamamos de linguagem ordinária”. (RICOEUR, 1990, p.56)

É no jogo dialético entre discurso e escrita no processo de estruturação da obra, que os textos literários efetuem uma nova espécie de referencialidade capaz de apontar para o ser-no-mundo que aí se revela.

Deste modo, interpretar uma obra é descortinar o mundo a que ela se refere, que se abre por meio da linguagem para os mecanismos gerais da existência humana. Tais mecanismos possibilitam a circulação da vida cultural e histórica; circulação de mundo projetado na obra, do qual o leitor interage, posto que o texto só se transforma em obra no intercâmbio com este.

À distanciação, que liberta o texto da relação com o autor e o subtrai às dissimulações da realidade cotidiana, responde-se o ato do sujeito chamado apropriação, pelo qual este responde ao sentido e à referência propostos. É a oferta de mundo que é apropriada, segundo a superação da subjetividade ou “desapropriação” de si mesmo. Ao apropriar-se do sentido e da referência, o sujeito distancia-se criticamente das próprias convicções e remonta “às variações imaginativas sobre o real que a literatura de ficção e a poesia, mais do que qualquer outra forma de discurso, origina”. (RICOEUR, 1989, p.62)

Na análise hermenêutica de Ricoeur sobre a linguagem, o papel desempenhado pela metáfora também ganha uma nova releitura: já não interessa mais a forma da metáfora (como foi para a retórica), nem tampouco o seu sentido (como para a semântica), mas a sua referência. A metáfora incide, desta forma, no domínio de redescrever a realidade, “o que acarreta a necessidade de uma tomada de consciência quanto à pluralidade dos modos de discurso e quanto à especificidade do discurso filosófico”. (JAPIASSU In: RICOEUR, 1990, p.9)

3 A metáfora e o mundo do texto

Foi no estudo da função narrativa que Ricoeur, pela primeira vez, esboçou o problema da referência poética quando da ligação *mimesis* e *mythos*. Tal estudo é estruturado em *Temps et récit* (1983), produzido conjuntamente com *Métaphore vive* (1975), e considerados, pelo autor, como “obras gêmeas”. (RICOEUR, 1983, p.11).

É em nome da afinidade que *mythos* reinstaura entre narrativa e drama, que o filósofo francês pôde reinscrever os conceitos da *Poética* em uma narratividade atual. (RICOEUR, 1996, p.335) O papel do *mythos* na criação poética é o de *mimesis*; isto é, a “construção” do enredo que estabelece a *mimesis*. Neste sentido, Ricoeur aponta para o seu caráter de tensão: por um lado, ela é, a um só tempo, “imitação” do humano e uma composição original; por outro, incide em uma restauração e em um deslocamento. É neste aspecto que encaminha a discussão a respeito da metáfora. Esta, assim, ligada à *mimesis*, não pode mais ser concebida como um jogo gratuito.

A noção de *mimesis*, para Ricoeur, funciona de modo dialético, primeiro como “imitação” e, em seguida, como reconstrução e, por fim, como habilidade transformadora da experiência.

A ficção narrativa “imita” a ação humana naquilo em que ela colabora para remodelar as suas estruturas e as suas dimensões, conforme a configuração imaginária da intriga. A ficção, dessa forma, tem o poder de “redescrever a realidade”, que se constrói no texto como mundo. É este mundo do texto que interfere no mundo da ação para configurá-lo de novo, ou melhor, refigurá-lo.

A metáfora possibilita perceber o estabelecimento dessa intervenção de refiguração e entendê-la no conjunto das produções imaginativas (ficções), assim como permite apreender o encontro entre os dois momentos constitutivos da referência poética.

O primeiro deles é a “suspensão da relação direta do discurso com o real já constituído, já descrito com os recursos da linguagem vulgar ou da linguagem científica”. O segundo é que o discurso poético traz à linguagem “aspectos, valores de realidade que não têm acesso à linguagem diretamente descritiva e que só podem ser ditos graças ao jogo complexo da enunciação metafórica e da transgressão regrada das significações usuais das nossas palavras”. (RICOEUR, 1989, p.35)

A capacidade redescritiva da metáfora, dessa maneira, é paralela à função mimética da ficção narrativa. Esta é exercida no espaço das ações e dos valores temporais; naquela, os traços sensoriais, estéticos e axiológicos fazem do mundo do texto, um mundo “habitável”.

Em outras palavras: a função ontológica do discurso metafórico é o que o fez distinguir três etapas da *mimesis* – pré-figuração (referências anteriores à obra); configuração (elaboração da obra) e refiguração – como o mundo da ação, em que o sentido metafórico traz uma nova referência e há a ligação do mundo do texto e do leitor, completado pelo ato de leitura.

O estudo dos símbolos, já explorados em vários dos seus escritos (por exemplo, a respeito

da psicanálise, da religião), completa o da metáfora. A teoria da metáfora e a do símbolo, para Ricoeur (2000, p.57-8), ajudam a demarcar o campo para uma teoria da interpretação.

O teórico francês (2000, p.65) começa por esclarecer que os símbolos possuem um caráter linguístico (teoria que explicaria a sua estrutura em termos de sentido ou de significação) e não-linguístico (a sua complexidade externa que o vincula aos variados campos de pesquisa).

Por conta dessa diversidade, analisa-os em três passos: 1. identifica o núcleo semântico do símbolo, com base na ordem do sentido produtivo nas expressões metafóricas; 2. por meio de um método de contraste e possibilitado pelo funcionamento metafórico da linguagem, isola a camada não-linguística dos símbolos; 3. de posse de uma nova compreensão dos símbolos, tenta elucidar a metáfora.

Nesses caminhos, chega, porém, a duas conclusões contrárias acerca da relação entre metáfora e símbolos:

Há mais metáforas do que símbolos, no sentido de que ela traz à linguagem a semântica implícita do símbolo, o que permanece confuso no símbolo – a assemelhação de uma coisa a outra e de nós às coisas; a infinda correspondência entre os elementos – é clarificado na tensão da enunciação metafórica. Mas há mais no símbolo do que na metáfora. A metáfora é o procedimento linguístico – forma bizarra de predicação – dentro do qual se deposita o poder simbólico. O símbolo permanece um fenômeno bidimensional na medida em que a face semântica se refere à não semântica. O símbolo está ligado de um modo não presente na metáfora. Os símbolos têm raízes. Os símbolos mergulham na experiência umbrosa do poder. As metáforas são precisamente a superfície linguística dos símbolos e devem o seu poder de relacionar a superfície semântica com a superfície pré-semântica nas profundidades da experiência humana à estrutura bidimensional do símbolo. (RICOEUR, 2000, p.80-1)

Ricoeur apresenta não só um sentido metafórico, mas uma referência metafórica; isto é, mostra o poder do enunciado metafórico de redescrever uma realidade inacessível à descrição direta; em fazer do “ver como”, em que se resume o domínio da metáfora, o revelador de um “ser como” ontológico, que intenta dizer aquilo que é; por isso a tensão entre a verdade metafórica e a “literal”.

Para ele, a interpretação literária é semelhante à da metáfora, já que concorda com Beardsley de que esta é um “poema em miniatura” (In: RICOEUR, 2000, p.58) e sua explicação é um modelo de toda aclaração. O que une tal esclarecimento da metáfora ao de uma obra literária é a construção do significado do texto, pois o edificamos de modo similar a como erigimos o sentido de todos os termos de um enunciado desse tipo.

Entre o texto e o leitor há uma relação assimétrica: a leitura é associada à execução de uma peça musical, em que a interpretação é limitada pelas regras e notações da partitura. Ambos são independentes em relação às intenções do autor. (RICOEUR, 2000, p.87)

Sabe-se que Ricoeur reformulou a relação entre explicação e compreensão, que, no Romantismo, era concebida como uma dicotomia entre dois campos epistemológicos distintos. A este dualismo metodológico da explicação e da compreensão, o pensador francês propõe uma metodologia dialética, já citada na introdução.

A explicação não elimina a compreensão; antes, é mediação imprescindível demandada pela própria falibilidade do discurso humano. Dessa forma, a compreensão passa pela explicação. Por outro lado, a explicação obtém seu êxito pela compreensão. É o empenho desta que pode fazer reviver o texto, conduzi-lo à condição de vivo, com capacidade de comunicação atual. Não se trata de psicologismo, de querer procurar a intenção do outro escondida. Trata-se, pois, de buscar o mundo criado, indicado, sugerido para o leitor.

A interpretação não procura algo que está “por trás”, mas se apropria das proposições de mundo abertas pelas referências não-ostensivas. Compreender, assim, é trilhar a dinâmica da obra, o movimento de seu sentido à sua referência; deixar que o texto se abra e se revele a nós.

4 A chave metafórica da crítica

Em que pese os variados impasses que surgem a respeito da literatura contemporânea, como o constante questionar de suas inovações enunciativas e as inevitáveis comparações às obras de escritores da chamada tradição literária, há edições que ainda merecem, por parte da crítica, uma recepção positiva.

A chave de casa, de Tatiana Salem Levy, publicado em 2007, é um exemplo dessa questão, tanto que, além de figurar entre os finalistas do Prêmio Jabuti, em 2008, ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria melhor livro autor estreante no mesmo ano.

A produção literária de Salem Levy era restrita, até então, ao conto, com publicações nas coletâneas "Paralelos" (2004), em "25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira" (2005), e à divulgação de sua tese "A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze" (2003).

Seu romance reascendeu a discussão da ficção atual ao compor um quadro em que "velhos temas", como a busca da identidade, o conflito amoroso e político, a perseguição aos judeus, a viagem em busca da origem, o defrontar com a morte são compostos em camadas que provocam uma nova experiência de leitura, já que exigem do leitor um novo olhar interpretativo. Isto porque, ao criar diferentes vozes narrativas, amarradas por uma escritura fragmentada, dilatada pela memória, avessa a uma ordenação de tempo e de espaço, Tatiana Salem Levy concebe um texto, ou melhor, um mundo no e do texto causador de um estranhamento que só a investigação atenta possibilita adentrar.

Das muitas críticas-leituras surgidas na tensão com este discurso, a de José Castello se destaca pela sensível percepção das referências metafóricas, que proliferam em espiral no livro, e pela maneira singular com que apresenta sua explanação; a saber, de forma epistolar:

Cara Tatiana

Foi com grande espanto que li seu *A chave de casa*. É um susto e uma alegria descobrir uma estreante tão segura de seu caminho. Você sabe o que faz (literatura) - e o faz muito bem. A história da chave é uma forte provocação. Um homem abandona a casa, em Esmirna, na Turquia, e migra para o Brasil. Décadas depois, já velho, entrega a chave da casa, que nem sabe se existe mais, para uma neta. A moça, sua narradora, Tatiana, decide usar a chave para descerrar a história do avô e, em consequência, a sua própria. Faz, sozinha, uma viagem de volta a Esmirna. É nesse retorno que avança. Ocorre que o passado, justamente por ser passado, não existe mais. Tudo o que lhe resta, então, é a chance de reconstruí-lo. Seu romance é essa reconstrução. Perdoe-me: quando o resumo assim, Tatiana, na verdade mutilo seu livro. Romances não admitem sumários, ou guias de viagem. Enquadrados (enjaulados) em sinopses, como as pobres feras nos zoológicos (que de lógicos nada têm...), em vez de se mostrarem, se desfiguram. Seu romance ultrapassa o domínio do pessoal. A história da antiga chave que não se encaixa em fechadura alguma, mas que, só por existir, promete abrir todas as portas, é, para a mim, a história da própria literatura.

(...)

Um abraço de seu leitor, José Castello. (CASTELLO, 2010, s/p. – grifos meus)

Este início, por outro lado, já deixa claro o horizonte analítico em que Castello se inscreve, ou seja, a tarefa de pôr em cena não só o fazer literário, mas também o questionar da própria literatura:

(...) O leitor abre as primeiras páginas de *A chave de casa* e logo supõe que o livro seja uma confissão. Os dados biográficos da narradora coincidem com seus dados biográficos, apresentados na orelha e no material de divulgação. A descrição que

ela faz de si se repete em sua fotografia estampada na orelha do livro: olhos de azeitona, nariz comprido, boca pequena.

E lá vai o leitor - lá fui eu - certo (ou desejando acreditar) que lia uma confissão. Mas logo essa certeza se esvaçou. Já na página 18, a mãe, que estaria morta, fala. As certezas começam a se deslocar. A narrativa vacila. A narradora conserva nas mãos sua chave. Deverá tomar a sério o pedido do velho, de que volte para Turquia e reabra seu passado? Será mesmo um pedido que ele lhe faz, ou só uma provocação, uma armadilha?

(...) *A literatura é isso, Tatiana: traição. Série interminável de erros, que nos arrastam e nos prendem. Por que não há erro em arte? Porque em arte (em literatura) tudo é erro. A chave que o avô deu à neta é - posso pensar - a própria literatura. Ela não abre a porta que lhe foi destinada, até porque essa porta não existe. Mas abre todas as outras portas.*

(...) *Você (ela) fez uma viagem para fora, ou para dentro? A literatura, isso eu sei, é uma viagem para dentro. Para escrever sua obra, Machado não precisou sair do Rio de Janeiro. Tornou-se assim, como disse Luciano Trigo, um 'viajante imóvel'. Nenhum escritor precisa se mover para escrever. Não se trata de mover-se, mas de abalar-se. Agitar-se diante da força das palavras.* (CASTELLO, 2010, s/p. – grifos meus)

Na interpretação de Castello, abre-se a possibilidade de reconhecimento da hermenêutica de Ricoeur como uma via possível, suporte teórico à análise, pois de cada comentário o crítico-leitor interage com o mundo projetado pela obra e procura traduzir para o idioma reflexivo o discurso do texto literário. Neste embate, o hermeneuta se transforma em copartícipe da criação poética:

(...) Em muitos momentos, sua narradora (você?) ainda tem a ilusão de que a literatura é um caminho para a verdade. Nessas horas, ela luta para se apegar aos fatos, para não se deixar levar por fantasias, para não "voar" e afastar-se do largo chão da realidade. Mas ela mesma diz: "Parece que quanto mais me aproximo dos fatos mais me afasto da verdade". Em nosso mundo pragmático, Tatiana, ligamos sempre os fatos à verdade. Um jornalista, por exemplo, quer apenas fatos e mais fatos, nada além dos fatos! Tudo o que deseja é um bom acontecimento. Um naco suculento do real! O escritor, porém, quer outra coisa: esse rombo que sob os fatos se abre e que, no fim das contas, é o que nos move.

Sua narradora, lá na frente, agora cheia de raiva, diz: "Essa viagem é uma mentira: nunca saí da minha cama fétida". Mentira? *Já avancei bastante na leitura, a história me envolveu, o livro já existe dentro de mim. Como mentira? Um livro só existe na cabeça do leitor, dizia Roa Bastos. Só quando alguém o lê (nele entra) ele se torna verdadeiro. Seu livro existe agora em minha cabeça, Tatiana, e é essa a única leitura (precária, parcial, nervosa) de que disponho. Só nela posso acreditar.* (CASTELLO, 2010, s/p. –grifos meus)

Esta apropriação acontece graças à possibilidade de distanciamento; isto é, o texto promove uma distância que consente ao crítico-hermeneuta não se colocar no lugar do outro, como a procurar o autor nas linhas da escrita. Ao contrário, é na interação texto-leitor que o discurso ganha autonomia em relação ao seu autor e ao contexto em que foi produzido:

(...) *Então, tanto posso acreditar que você chegou a Esmirna, como posso acreditar que não chegou. As páginas se desdobram e, quanto mais avanço, menos sei o que leio. Quanto mais leio, mais inseguro e perplexo estou. Mas também: quanto mais leio, mais fascinado me sinto. Ler é desequilibrar-se. E fazer do desequilíbrio uma espécie de dança.* (CASTELLO, 2010, s/p. – grifos meus)

Dessa forma, há uma abertura a novas apropriações, pois pode ser “descontextualizado” e

“recontextualizado” por diferentes leitores que, ao serem os mediadores da escrita, comportam-se como hermeneutas:

“Apropriar-se é fazer “seu” o que é “alheio”. Porque existe uma necessidade geral de fazer nosso o que nos é estranho, há um problema geral de distanciação. A distância (...) é um traço dialético, o princípio de uma luta entre a alteridade, que transforma toda a distância espacial e temporal em alienação cultural, e a ipseidade, pela qual toda compreensão visa a extensão da autocompreensão”. (RICOEUR, 2000, p.54-5)

Nessa visada, tais leitores ou críticos-leitores estabelecem com o texto-objeto um embate dialético entre compreendê-lo e explicá-lo, processos complementares da interpretação, em que a compreensão é a busca pelo mundo aberto das referências do texto, ao passo que a explicação é o expor da sua estrutura interna:

(...) Já a poucas páginas do desfecho, o leitor se defronta com uma declaração espantosa: "Com raiva, com ódio, jogo a máquina de escrever no chão e rasgo todas as folhas escritas. E também as brancas, para não correr o risco de continuar escrevendo". *O golpe, em quem lê, é duro: "Mas, então, que livro é esse que agora leio?" - é obrigado a perguntar. As palavras da narradora desmentem sua narrativa. Anulam-na. O livro não está onde devia estar - ou, melhor: está onde não devia estar.* A literatura nunca é aquilo que julgamos que ela é. E você, Tatiana, já no primeiro romance, não só prova que sabe disso, como tira partido disso. E, assim, remexe na vida não para imitá-la, mas para reinventá-la.

(...) *Não só uma dor quase física, aquela que os grandes livros desferem sem nenhuma piedade. Mas, sobretudo, a dor sem corpo do desamparo.* Sua narradora diz: "Não sei até que ponto são verdadeiras as histórias do meu avô, até que ponto é verdadeiro o que vivo agora. Nem mesmo sei se é verdadeira a minha viagem". *A verdade, em literatura, é outra coisa. O escritor verdadeiro - se é que tal figura tão completa existe - é aquele que (como você mesma, já nesse primeiro romance!) sustenta com vigor e sem ceder a sua própria voz.* (CASTELLO, 2010, s/p. – grifos meus)

Em suma, apropriar-se de um texto é mais do que vislumbrar seu sentido e sua estrutura, é procurar apreender o mundo que ele vincula, desdobra, desvela. Para isto, é necessário saber que, na apropriação, deve haver um “despojamento do próprio eu”, uma vez que o discurso já apresenta um “si mesmo” ao leitor.

José Castello reforça esse ato de interpretação na sua crítica, pois diante da escrita de *A chave de casa* há um esforço em afastar-se da sua subjetividade para penetrar nas proposições abertas pela dimensão textual. Ou melhor: essa subjetividade é colocada em “suspensão”, (RICOEUR, 1990, p.58) para pensar no outro, no ser-no-mundo manifestado pela obra.

Nesse exercício de interpretação, o crítico-leitor, ao deixar-se interrogar pelo que lê, passa por uma nova compreensão de si mesmo pela tomada de consciência que o mundo do texto cria.

Na *chave* da obra e da crítica, o enunciado metafórico é o guia por onde o leitor, ou melhor, o crítico-leitor adentra e reescreve a realidade dele e da escrita. No livro de Tatiana Salem Levy, a metáfora-chave é o tempo, trabalhado de modo circular; tempo plural, explorado pelo fluxo contínuo e por uma mistura de “antes” e “depois” ou de passado e futuro.

A experiência temporal é refigurada pela narrativa e permite, assim, o lançar-se às “variações imaginativas” propostas pela ficção.

É no horizonte poético dessa experiência, na multiplicação dos campos temporais, que há o confronto entre o amor, a morte, a vida.

Vida esta que, para Ricoeur (1969, p.322), pode ser decifrada no “espelho do texto”, como

também nos desvela as palavras de Castello:

Seu livro é uma afiada armadilha, que arrasta o leitor para seu alçapão. Todo o tempo, o leitor (eu) pisa em falso. Não vou negar que, nos primeiros baques, me incomodei. *Depois entendi que o que você me oferecia era, enfim, a própria vida. Não cintilante e inteira, mas torta e esmigalhada pela imaginação. A vida não como ela é (que isso ninguém sabe), mas simplesmente como nós a vivemos.* (CASTELLO, 2010, s/p. – grifos meus)

Conclusão

Esta reflexão procurou, no essencial, pôr em destaque a contribuição de Paul Ricoeur a respeito da leitura e compreensão textual. Da sua teoria hermenêutica, dois temas, imbricados e não-excludentes, mereceram maior destaque pela possibilidade de trazerem colaborações ao debate acerca do estranhamento: a distanciamento/apropriação e a metáfora.

Ao estudar estes assuntos, busquei pontuar de que maneira o leitor, ou melhor, o crítico-leitor compreende e o que ele articula e interpreta em sua leitura.

Em resumo, evidenciei que, segundo Ricoeur, o intérprete, ao apropriar-se de forma despojada daquilo que lhe é estranho, para torná-lo mais próximo, mergulha no “mundo do texto” e passa a compreendê-lo e compreender a si mesmo e ao contexto em que vive.

Para isto, mostrei que é necessário recorrer à distanciamento como condição ou perspectiva da compreensão. Esse traço ajuda a colocar a subjetividade em suspensão para poder abarcar, incluir a alteridade textual na ipseidade ontológica do leitor. Nessa dialética com o outro, a “alteridade representa o caminho adequado à descoberta efetiva de si mesmo (...) [pois] descobrir-se como um si mesmo é simultaneamente aceitar-se como irremediavelmente um outro”. (HENRIQUES, 2005, p.19)

Entre o autor e o leitor, como já comentado, o texto abre-se em um mundo, um mundo de referências, de sentidos que se encontram não atrás, mas adiante dele, projetado. O discurso ganha, assim, uma autonomia com relação ao escritor.

Este trabalho com o texto é o arco hermenêutico que Ricoeur ressalta na sua teoria. Tal tarefa abarca a dialética entre explicar e compreender. A explicação, como o momento em que se analisa a estrutura, e a compreensão como a exposição das referências do texto como mundo.

É por meio dessas referências, em que o enunciado metafórico se solidifica, que ocorre a dinamização da leitura. A metáfora tem o poder de transformar o discurso descritivo em mítico, em poético. Ricoeur a correlaciona à função mimética da ficção narrativa. Tal metáfora, associada à *mímesis*, tem o poder de redescrever a realidade.

De maneira concisa, apresentei as três concepções de *mímesis* arroladas às experiências temporais, pois estas não se separam das da narrativa: pré-figuração; configuração e refiguração, em que há a ligação do mundo do texto e do leitor, completado pelo ato de leitura.

Nesta exposição privilegiei a prática da crítica literária. O comentário de José Castello serviu como exemplo de como um crítico-leitor adentra o mundo do texto, no caso, *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy.

A escolha do livro deveu-se por ser uma obra representativa da literatura contemporânea, em que os jogos temporais permitiram a Castello discutir não só a feitura literária, mas também a importância da própria literatura como arte.

Ao desvendar e decompor a análise crítica, realizei também um exercício hermenêutico, ainda que de forma ilustrativa.

Claro está que a intenção não foi de esgotar o assunto, mas de apenas acentuar a importância da teoria de Ricoeur e a sua relevância ao procedimento da interpretação.

Referências Bibliográficas

- 1] CASTELLO, JOSÉ. *Rascunho* – Jornal de Literatura do Brasil. Curitiba, 20/03/2010. <http://rascunho.rpc.com.br> Acesso em 20 de março de 2010.
- 2] HENRIQUES, Fernanda. *Filosofia e literatura. Um percurso hermenêutico com Paul Ricoeur*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- 3] LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008
- 4] RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2000.
- 5] _____. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- 6] _____. *Interpretação e Ideologias*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- 7] _____. “Uma Retomada da Poética de Aristóteles”. In: *Leituras 2: A Região dos Filósofos*. Trad. Marcelo Perine e Nicolas N. Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.
- 8] _____. *Do texto à ação - ensaios de hermenêutica II*. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Portugal: Rés-Editora Ltda., 1989.
- 9] _____. *Du texte à l' action: essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.
- 10] _____. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1983, 3 vols.
- 11] _____. *Métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975.
- 12] _____. *Le conflit des interprétations. Essai d'herméneutique I*. Paris: Seuil, 1969.

ⁱ Jucimara TARRICONE, Doutora em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). jutarricone@yahoo.com.br